

JORNAL: Jornal do Comercio LOCAL: Quamabara
DATA: 30/05/1965 AUTOR: Miranda Netto
TÍTULO: A Pintura no XIV Salão Moderno.
ASSUNTO: Miranda Netto: Literatura, Arte, Ciência em
Perpétua Mutação...

Folhém do «JORNAL DO COMMERCIO»

142 DOMINGO, 30 DE MAIO DE 1965

A PINTURA NO XIV SALÃO MODERNO

Uma das características mais desnordeantes da pintura contemporânea é a sua variedade, o seu "perpetuum mobile" que não se faz, como os da música, pela repetição do mesmo tema, mas por um fluir que quase desconhece pontos de referência. Não é aliás privilégio da pintura moderna, essa instabilidade. A literatura, a ciência e a política também se apresentam em perpétua mutação e oferecem ao homem de nossos dias surpresas e emoções repetidas e inesperadas, que não raro se traduzem em bloqueio das coronárias.

Acentuel no Folhém anterior, as principais correntes da pintura moderna que vemos representadas no Salão. 1) a raiva diante da tela, traduzindo-se em agressividade que não raro se aproxima da violência, uma pintura que responde a literatura dos "angry young men". 2) a volta ao figurativo, por caminhos totalmente diversos do academismo lambido de Bouguereau, Cabanel ou Winterhalter. 3) a pesquisa de meios, raduzindo-se principalmente no texturismo e na busca de novas técnicas. 4) o néo academicismo, em torno de algumas formas do abstracionismo geométrico ou, na própria figuração, por um néo cubismo angelical. 5) o fantasma, em roupas novas e nem sempre muito novas, do Impressionismo do século XIX. 6) a mistificação do Pop Art, que se poderia denominar de "néo realismo", em suas várias modalidades. Ainda não foram seguidas pelos nossos — ao que me consta — as experiências do grupo Cobra, pelo menos de modo acentuado, nem as dos novos pintores surgidos em Viena, que retomam as tradições de Klimt, em um ambiente fantástico que não é surrealismo mas pura volta a Hoffmann. Por isso encerro essa sumária classificação com o último. 7)

que seria a pintura dos primitivos e ingênuos, rótulo que emprego porque não tenho outro melhor.

Evidentemente essa enumeração não é mutuamente exclusiva. Essas correntes por vézes se interpenetram e a agressividade poderá muito bem estar presente no neo-figurativismo, como de fato está. Muitas vézes, em um quadro "figurativo" há grande pesquisa de meios, poderá ele ser, ao mesmo tempo néo figurativo e texturista. Verifiquei uma novidade que é a superposição da figura à tela dilacerada, estilo Burri, como nos números 158 e 159 de Pietrina Checcacci. Não existem, no XIV Salão, os exageros que dominam, ou dominavam Paris nos últimos dez anos: o uso de lança chamadas como no quadro "Feu" de Yves Klein, pintado um ano antes de sua morte prematura, o modelo nú, lambusado de lata, que o pintor "rola" sobre a tela, ou ainda a pintura suicida, como a do japonês que se lançou do terceiro andar, sobre a tela tensa, deixando sobre ela a rasgada marca de seu desespero, "maximum maximorum" da pintura (!) gestual. Por isso mesmo o Salão me pareceu bastante calmo e sóbrio, como escrevi domingo passado. Até os dilaceradores de tela se apressam a recompô-la com agulha grossa e cordão.

Comecemos pelo Pop Art, representado em um canto do Salão pelos quadros de Antônio Dias (25, 26, 27) e de Ilka Teresa (99).

Antônio Dias se inspira, evidentemente em Peter Saul. Não sei se o pintor brasileiro conhece a obra do "popista" (ou popartista) americano. É possível que tenha chegado a essa forma sem influência direta de ninguém. Mas, assim, o Monsieur Jourdain de Molière fazia prosa sem o saber, muito pintor haverá que repita modelos sem o saber. Esse tipo de Pop Art se inspira na caricatura e principalmente nos "comics" que invadem a vida contemporânea. Há popartistas, como Roy Lichtenstein, que se limitam a reproduzir, em larga escala, os desenhos de quadrinhos, principalmente os que se referem a aventuras siderais ou amorosas. Mas outros preferem misturar Edgard Allan Poe e Al Capp em uma receita bem americana. O resultado é, para muitos, nauseante, mas oferece seu interesse do ponto de vista da sociologia da arte e da psicanálise. É o caso de Antônio Dias. Quando visitei o XIV Salão pela segunda vez, encontrei uma senhora que se afastou, rapidamente do pequeno ângulo onde estão os quadros mencionados e mais os de Mariconi (172, 173). "Sinto-me nauseada!" exclamava ela. Verdade seja que a dama estava na situação biológica em que as náuseas são bastante

frequentes, até mesmo sem causa. O marido, que era médico, explicava indignado: "Isso é uma pintura placentária". Ilka Teresa repete a receita, já gas a, da colagem. A arte moderna é essencialmente polêmica. E isso se vê nos comentários dos visitantes. Diante de um quadro dos "acadêmicos", como os que recentemente expuseram no Museu Nacional de Belas Artes, nada há o que dizer. São receitas, elaboradas com uma técnica excelente, dos livros de Dona Benta que são a pintura dos seus antepassados. Aqui, na chamada pintura moderna, o campo para a discussão é imenso. Mas nela os falsos profetas os chantagistas ou, simplesmente os "gozadores" têm cancha livre para seus múltiplos exercícios, nem sempre honestos. Pelo episódio que acabo de narrar — o do médico — vê-se como os gostos variam. Diante dos mesmos quadros um móço de barbas pontificava, deliciado, diante de um grupo de seus pares, sem barbas, mas de blue-jeans e cabeleira estilo Beatles (eles), com ar de éfebos espartanos em moda neutra e andrógina (elas). Quot capita tot sententia.

Disse, há pouco, que as maneiras se interpenetravam. Cito como exemplo uma obra de Rubens Guerehman, intitulada Povo I, N.º 181. O pintor não está amadurecido tecnicamente mas tem talento. Seus três quadros são uma mistura de pop art com primitivismo. Mas, também, são pintura expressionista, no sentido da mensagem social. A sociedade contemporânea sobre o impacto de duas guerras. A primeira já apresentou um trágico balanço de milhões de mortos e mutilados. Depois dela o mundo parecia ter recuperado a euforia de uma grande paz, reconquistada com o esmagamento do espírito do mal, incarnado no Kaiser. A Belle Époque, com seus otimismo, estava também morta, como os soldados de Verdun, e não mais voltaria. Os movimentos artísticos trariam, daqui por diante, a marca da inquietação, por baixo da euforia da vitória. Não houve vencedores nem vencidos, na Primeira Guerra Mundial. A Segunda veio logo, mais cedo do que se esperava. O período de paz (?) de vinte anos não fora um período de tranquilidade. Novamente a alegria da vitória julgou resolvidos todos os problemas do mundo, com o esmagamento do segundo monstro do Apocalipse, a besta nazista. Mais vinte anos se passaram sobre essa segunda catástrofe, que trouxe ainda ao mundo mais mortes e mais misérias que a primeira, e mais uma vez ficou o mundo como nas primeiras guerras não há vencedores nem vencidos, como...